

Plantas, artes e afetos: sementes para educações ambientais outras
Plants, arts and affections: seeds for other environmental educations
Plantas, artes y afectos: semillas para otras educaciones ambientales

Mayra Velloso Correa¹
Shaula Maíra Vicentini de Sampaio²

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo explorar conexões entre plantas, arte e educação através de oficinas de experimentação na escola, procurando investigar de que forma as narrativas que emergem desses encontros ajudam a semear outros mundos para coexistir e potencializar nossos modos de existência para enfrentar os tempos difíceis que emergem. Através das oficinas elaboradas nesta pesquisa, foi possível ativar um olhar atento à vida que pulsa na cidade e, por meio da arte, criar e pensar em desvios que nos levem a atravessar o tempo presente de maneira mais atenta e inventiva. Que narrativas germinam a partir de encontros entre sujeitos e plantas através da experimentação? Aqui, procuramos abrir caminhos a novos deslocamentos para se pensar a educação ambiental na escola, no sentido de fazer brotar narrativas outras que contem novas histórias sobre as relações que cultivamos com outros seres e com o ambiente.

Palavras-chaves: Ecologias daninhas. Estudos culturais. Estudos multiespécies.

Abstract

This research aimed to explore connections between plants, art and education through experimentation workshops at school, seeking to investigate how the narratives that emerge from these encounters help to sow other worlds to coexist and enhance our modes of existence in order to face difficult times that emerge. Through the workshops developed in this research, it was possible to activate a closer look at the life that pulses in the city and, through art, create and think about detours that take us through the present time in a more attentive and inventive way. Which narratives germinate from subject encounters with plants through experimentation? Here, we seek to pave the way for new changes to think about environmental education at school, in order to give rise to other narratives that tell new stories about our relationships with other beings and the environment.

Keywords: Weed Ecologies. Cultural Studies. Multispecies Studies.

Resumen

Esta investigación tuvo como objetivo explorar conexiones entre plantas, arte y educación a través de talleres de experimentación en la escuela, buscando indagar cómo las narrativas que emergen de estos encuentros ayudan a sembrar otros mundos para convivir y potenciar nuestros modos de existencia para enfrentar los tiempos difíciles que emergen. A través de los talleres desarrollados aquí, fue posible activar una mirada cercana a la vida que palpita en la ciudad y, a través del arte, crear desvíos que nos lleven por el presente de una manera más atenta e inventiva. ¿Qué narrativas germinan a partir de encuentros de sujetos con plantas por la experimentación? Aquí, buscamos abrir camino a nuevos cambios en el pensamiento de la educación ambiental en la escuela, con el fin de dar lugar a otras narrativas que cuenten nuevas historias sobre las relaciones que cultivamos con los demás seres y el medio ambiente.

Palabras Clave: Ecologías de malezas. Estudios culturales. Estudios multiespecies.

¹ Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, Brasil.

² Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, Brasil.

Introdução

O tempo que atravessamos é marcado por incertezas, reviravoltas políticas, ontológicas e epistemológicas, além de catástrofes ambientais e um colapso ecológico. São tempos que nos pedem novas formas de conhecer e agir e, para enfrentar essas questões, é preciso se afastar de uma forma antropocêntrica de olhar para a vida e para a pluralidade. Surge a necessidade de se criar novas formas de habitar o mundo, considerando-se a multiplicidade da vida e as diversas combinações de visões de mundo já existentes. Ou seja, encontramos diante da urgência de olhar de maneira mais atenta, mais coletiva e aberta, menos classificatória e hierárquica, para as relações entre humanos e não-humanos (OLIVEIRA *et al.*, 2020; SAMPAIO, 2019).

Desse modo, como sugerido por Sampaio (2019), uma educação ambiental que promova um mergulho profundo na cultura, na arte, na antropologia, na literatura, em movimentos sociais, no cinema e nos saberes tradicionais não acadêmicos pode ser um caminho para se experimentar deslocamentos das formas convencionais de se pensar sobre essas relações, em um movimento de desterritorialização, estranhamento, questionamento, desnaturalização...

Nesse sentido, vemos as linguagens artísticas como potentes mediadoras desse processo de deslocamento, ajudando-nos a trazer outros significados para nossas relações com os demais seres. Como aponta Estevinho (2020), quando nos atemos a determinados argumentos científicos que reduzem o mundo a uma gama de conceitos e categorias, muitas vezes, deixamos de olhar para a potência e para a força do afeto, no sentido de afetar e ser afetado. A autora considera, ainda, que o afeto coloca o pensamento em movimento, pois não se pensa sem ser sensível a algo. É isso que a arte nos proporciona, visto que se utiliza de outras linguagens para fazer brotar o sentir, possibilitando que observemos os outros seres em sua multiplicidade, como talvez nunca foram percebidos por nós anteriormente (ESTEVINHO, 2020).

Dentro desse contexto, há também um movimento que considera que, a fim de olharmos para as relações traçadas na no ambiente, é preciso realizar um mergulho cultural e histórico (GUIMARÃES, 2010). Segundo Sampaio (2019), as vertentes teóricas pós-modernas dos Estudos Culturais possibilitam que se produzam outros modos de se pesquisar em educação ambiental, deslocando a atenção para outros novos olhares, novas perguntas, outras formas de se escrever, outros temas a serem estudados, outros conceitos a serem teorizados... Essas indagações vêm surgindo juntas a um entrelaçamento de abordagens filosóficas e antropológicas que têm buscado criar narrativas outras quanto às questões ambientais e à necessidade de se pensar em novos modos de existência (SAMPAIO, 2019). O que queremos dizer é que, nessa interface entre educação ambiental e Estudos Culturais, surgem novos caminhos de pesquisa, pois, diante das várias faces do colapso ecológico que presenciamos atualmente, há um anseio por produzir novos movimentos e experimentações dentro da educação ambiental para se lidar com o agora.

Como inspiração para o desenvolvimento deste trabalho, trazemos os Estudos

Multiespécies, os quais se preocupam em compreender as relações construídas entre diferentes espécies que habitam e se entrelaçam em um mesmo ambiente, para, assim, talvez entender, cuidar e conviver com os outros seres de maneira um pouco diferente da usual (PEREIRA, 2018; VAN DOOREN *et al.*, 2016). Ou seja, busca-se realizar um deslocamento para além da forma dualista de pensar as relações entre seres humanos e não-humanos e aquilo que consideramos como “natureza”.

Com isso, o objetivo geral deste trabalho foi propor experimentações artísticas na escola, envolvendo indivíduos e plantas, para se pensar que narrativas esse encontro pode suscitar e como esses entrelaçamentos podem ensinar sobre resistir, ver o mundo de outras formas e se relacionar com outras espécies no Antropoceno. Mais especificamente, procuramos explorar possíveis conexões entre plantas, arte e educação através de oficinas de experimentação na escola, observando as narrativas que emergem desse encontro e refletindo de que forma elas nos ajudam a semear outros mundos para coexistir com as outras espécies. Por fim, buscamos discutir como esses entrelaçamentos podem potencializar meios de resistência para enfrentarmos o tempo presente.

Experimentações multiespécies

Inspiradas pela potencialidade dos seres vegetais e em suas formas de resistência, neste trabalho, lançamo-nos a pensar sobre os possíveis encontros das plantas com a arte, buscando traçar algumas possibilidades de entrelaçamentos desses encontros com a escola. Escolhemos as oficinas como uma forma de colocar em movimento a potência desses diálogos entre plantas, arte e sujeitos. Ou seja, as oficinas tiveram como finalidade propor um entrelaçamento dessas três dimensões de forma mais inventiva, já que essa proposta pedagógica tende a desenquadrar conceitos, termos e temas previamente restritos a uma área específica.

Quando entendidas sob a forma de dispositivos pedagógicos, as oficinas podem mobilizar “narrativas escritas e imagéticas, visibilidades e enunciações sobre os lugares em que diferentes sujeitos promovem suas vidas cotidianas” (GUIMARÃES, 2010, p. 14). Além disso, é importante salientar que, nessas práticas, não há exatamente uma sequência a ser seguida, já que não se busca nenhum tipo de linearidade no processo. Por isso, o que procuramos com o planejamento dessas atividades foi ceder espaço a deslocamentos de modos de ver, permitindo emergir sensações outras e evocando narrativas que não poderiam ser pensadas e previstas antes de sua realização (GUIMARÃES, 2010). Nesse caso, “quer-se experimentar uma questão, um conceito, uma noção” como nos aponta Preve (2013, p. 258). As oficinas são, portanto, espaços abertos à criação, considerando que esse tipo de atividade não se baseia em referências escolarizantes, nas quais o foco acaba, por vezes, recaindo sobre o repasse da informação, como também argumenta a autora (PREVE, 2013).

Nosso desejo foi, então, propor exercícios de experimentação interessados em criar composições a partir de inquietações e questionamentos e movimentando perguntas

(SAMPAIO; MARTINS, 2020). Não houve a intenção de responder a essas perguntas ou encontrar soluções. Na verdade, o que esteve em jogo foi, justamente, a movimentação dos pensamentos e das ações. Assim, como sugerem Sampaio e Martins (2020) quando falam sobre oficinas, essas são perguntas ativadoras de imagens, de narrativas e, até, de outras perguntas.

Habitar pelas brechas

Ao caminhar em um ambiente urbano, geralmente, não percebemos os detalhes contidos nas vidas que crescem nos interstícios. Construções, trânsito de automóveis, asfaltos e calçadas parecem compor uma paisagem muito distante do que enxergamos como “natureza”. Na rotina movimentada das cidades, parece predominar um ambiente estéril, onde não há vida. Porém, há seres capazes de germinar entre frestas de concreto, desenvolvendo-se no que podemos chamar, também, de flora urbana. Pensamos nestes seres como pequenas pulsões de vida que dão cor à cidade, mas que quase nunca são notados. Estamos falando das plantas culturalmente chamadas de ervas daninhas, que crescem e se desenvolvem espontaneamente em meio a condições aparentemente hostis, resistindo às adversidades que lhes são impostas pela vida urbana. É importante deixar claro que, aqui, o interesse é explorar os modos de vida das plantas que brotam fora do cultivo, sem pensar no caráter utilitário dessas espécies. Ou seja, apesar de muitas delas apresentarem funções medicinais, alimentares e ornamentais, optamos por explorar mais as suas maneiras de resistir, crescer e se desenvolver de maneira espontânea. Essas foram as plantas que escolhemos como parceiras para compor este trabalho: aliadas nas oficinas e nas questões que nos fazem pensar.

Acreditamos que, ao lançar esse olhar para as ervas daninhas e suas formas de vida, possamos suscitar pensamentos e ideias que nos ajudem a criar outras maneiras de viver e resistir nesse mundo ao imaginar outros. Como a própria terminologia “daninhas” sugere, esses são seres considerados indesejados em algum local. Assim, qualquer ser, seja humano ou não-humano, pode ser considerado uma erva daninha quando nasce onde não é desejado, competindo por espaço e nutrientes contra culturas economicamente produtivas. Consideramos que exercícios poéticos com ecologias daninhas podem convidar a mobilizar memórias e subjetividades que foram silenciadas pelos modos de vida contemporâneos.

Gregory Bateson, antropólogo e cientista social, diz que “existe uma ecologia das ideias danosas, assim como existe uma ecologia das ervas daninhas”. Essa frase serve de epígrafe no livro de Félix Guattari (1990), “As três ecologias”, onde o filósofo propõe, como coloca Sussekind (2018), um “enredamento necessário entre uma ecologia do ambiente, uma ecologia da mente e uma ecologia da sociedade” (SÜSSEKIND, 2018, p. 175). O autor ressalta, ainda, que

O repertório conceitual de Guattari envolve linhas de fuga em relação aos processos de embrutecimento e mecanização que permeiam as várias instâncias da vida contemporânea, evocando territórios existenciais que resistam a esses processos. [...] Com isso, discute a deterioração ambiental em suas múltiplas associações com a padronização de comportamentos e pensamentos que

reduzem a subjetividade aos padrões impostos pelo sistema econômico-capitalista. Padrões impostos por meio de uma máquina que permeia as relações ambientais, econômicas, políticas e sociais, e que se estende ao campo dos desejos e dos afetos (SÜSSEKIND, 2018, p. 175).

Assim, como escreve Sússekind (2018), presenciamos, com cada vez mais intensidade, um esgotamento de um modelo que pensa a sociedade e a política em termos de acordos apenas entre seres humanos. Para essa política, tem-se “como pano de fundo uma natureza regida por leis mecânicas e fixas, passível de apropriação e utilização para a construção dessa mesma sociedade” (SÜSSEKIND, 2018, p. 175). Consideramos urgente, portanto, fazer emergir

novas possibilidades de leitura e de escrita a partir de alianças não só com outros grupos humanos, mas com animais, plantas, fungos, microrganismos ou fenômenos climáticos, é o desafio que a experiência da vida multiespécie nos apresenta (SÜSSEKIND, 2018, p. 175).

Por isso, exploramos a ideia de ecologias daninhas e suas manifestações, propondo experimentações a partir de exercícios poéticos e inventivos com plantas para se pensar como esses encontros podem reverberar em ativações de um olhar mais atento à vida vegetal que pulsa ao nosso redor, principalmente nos ambientes urbanos. Vemos essas experimentações como tentativas de despertar sensações, fazendo emergir subjetividades que afloram para além do nosso olhar. Através desses diálogos com as manifestações vegetais urbanas que brotam na espontaneidade (as chamadas ervas daninhas), convocamos potências de pensamento através da expressão artística.

Composições com a flora espontânea

As oficinas aconteceram em dois encontros, em aulas de Biologia, com uma turma do 2º ano do ensino médio da rede pública. Em um momento inicial do primeiro encontro, após uma roda de conversa onde procuramos resgatar memórias com plantas entre os estudantes, lançamos um olhar para as manifestações urbanas da vida vegetal que crescem na espontaneidade, pensando nas formas que elas encontram de existirem no mundo e como se relacionam com o que há a sua volta. Que alianças essas plantas criam para viver? Que ecologias daninhas elas nos evocam a pensar? Para esse primeiro encontro, convidamos os estudantes a lerem pequenos trechos do “Manifesto de uma erva daninha” (BRITOS, 2021), escrito pela bióloga Anai Britos e que foi publicado, pela primeira vez, como parte do livro digital “Verdejar ante a ruína – escritos para cultivar novos mundos” (BRITOS *et al.*, 2021). A intenção era a de, nesse primeiro momento, especular sobre a vida de um ser vegetal imaginado que brota na espontaneidade. A seguir, apresentamos um dos trechos escolhidos para a leitura:

Vocês pensam que como vegetais temos limitações, principalmente de deslocamento. E é até ofensivo o termo que vocês usam para falar de humanos que não conseguem se mexer ou falar: estado vegetativo. Coisa mais absurda.

Vocês estão enganados! Nós nos especializamos no deslocamento através de formas às vezes inesperadas. Quando os humanos e animais migram, nós os utilizamos como carona de sementes, frutos ou mudas (BRITOS, 2021, p. 18).

Ao longo da leitura dos trechos, resgatamos a atenção aos modos de viver dessas plantas, como sua resistência, suas inúmeras possibilidades de se lançar ao mundo, suas variadas formas de dispersão, sua capacidade de germinar em ambientes aparentemente inóspitos e hostis e, mesmo assim, viver bem ali, o que destaca, portanto, seus mecanismos de sobrevivência. Assim, formulamos algumas perguntas para mobilizar pensamentos nessa etapa: Como essas plantas se lançam ao mundo? Como elas se manifestam nos ambientes em que vivem? Como seria o mundo visto com/por essas plantas? A partir disso, propusemos aos estudantes a criação de uma espécie de planta daninha imaginada, encontrando palavras que ajudassem a contar sobre essa espécie e pensando nas seguintes perguntas: Onde ela vive? Como chegou até aquele lugar? Como ela se dispersa? Como são suas folhas, caule, raízes, sementes? Ela tem flor? Quais as dificuldades que encontra para viver ali?

Como inspiração para o movimento artístico, escolhemos trazer o trabalho da artista e educadora Laura Lydia³, que, refletindo sobre as relações entre cidade e natureza, elaborou um projeto artístico onde as protagonistas eram as chamadas “ervas daninhas”, plantas que brotam em calçadas, paredes, ruas e no pavimento urbano. Sua pesquisa se iniciou com uma observação do ambiente em que essas plantas nascem e sua relação com ele. Um local, aparentemente, inóspito e estéril, mas onde, ainda assim, esses vegetais conseguem se desenvolver. Esses ambientes, portanto, acabam sendo abrigo de sementes que chegam com o vento ou que são trazidas por animais e humanos e, que conseguem crescer, se desenvolver e se tornar adultas ali.

Para ativar um olhar mais atento a essas plantas, ainda no primeiro encontro, caminhamos pelo espaço da escola em busca das manifestações vegetais espontâneas que poderiam existir lá. O intuito desse movimento era o de exercitar outro olhar para as plantas que brotam de forma independente no espaço da escola ao se mobilizarem as seguintes questões: Como são as texturas dessas plantas? Elas têm cheiro? Como é o ambiente em que estão vivendo? Como são suas folhas? É possível ver flores? Registramos esses olhares através de fotografias (figura 1).

³Vídeo em que a artista fala de seu projeto. Laura Lydia – “Artes visuais e meio ambiente – Projeto Ervas Daninhas”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fuGpHL1JVH4>.

Figura 1: Nas paredes da escola, nascem daninhas: fotografias feitas pelos estudantes.



Fonte: Fotomontagem elaborada pelas autoras (2022).

No segundo dia de oficinas, resgatamos as palavras que brotaram do primeiro encontro, as espécies criadas e as imagens das plantas da escola e, a partir disso, compusemos com a técnica da monotipia através da utilização de materiais vegetais (flores, folhas, sementes, caules)⁴ (figura 2), dando vida às espécies imaginadas. A técnica da monotipia consiste na tentativa de reproduzir ou criar uma imagem em outra superfície a partir de alguma textura ou cor. Assim, por meio dessa técnica e utilizando os fragmentos de materiais vegetais, os estudantes foram convidados a criar um mundo ao redor da sua planta escolhida, pensando nas características presentes nelas. A monotipia possibilita que nos lancemos a um risco. Isso porque o que surge das impressões não é uma cópia fiel do formato original, já que, na impressão, ao serem transferidas para o papel, as cores e as texturas se misturam, fazendo surgir efeitos imprevisíveis. Escolhemos essa técnica para trabalhar, justamente, por proporcionar algo que não está previsto. E é nessa experimentação que se baseiam as criações incitadas pela provocação de quais seres seriam capazes de dividir um espaço com aquela planta. O intuito dessa atividade era o de oferecer uma imagem-território para que ideias e pensamentos se proliferassem em forma de arte, em uma tentativa de fazer com que as estruturas vegetais, através das suas texturas, nervuras e formatos, fizessem mundo nas folhas de papel estampadas pelas imagens. Contudo, sempre se pensava sobre as relações daquela planta imaginada com o ambiente em que vivia, os seus entrelaçamentos, as vidas de outros seres e os demais elementos ao seu redor. Que negociações ela encontrava ali para sobreviver? Assim, inspiramo-nos nas propostas experimentais da

⁴Material coletado pelas autoras.

pesquisadora Alik Wunder, que vê as

Imagens como superfícies de encontros, como entre mundos, uma dupla captura entre duas visualidades. Desejamos habitar e proliferar pensamentos desde esta zona de vizinhanças, que as experimentações imagéticas traçam. A imagem – fotografias desenhos, grafismos, traços, riscos – como uma contínua experimentação, como uma forma sempre inacabada de encontrar abrindo outras linhas visuais, outras percepções e outros pensamentos (WUNDER, 2020, p. 30).

Figura 2: Material para (des)organizar pensamentos.



Fonte: Fotografia tirada pelas autoras (2022).

Foram feitas, portanto, intervenções nas imagens (figura 3) utilizando material vegetal coletado. Através da monotipia, os fragmentos vegetais deixaram suas marcas nas imagens, suscitando atravessamentos a partir das questões lançadas tanto sobre a espécie criada quanto o seu entorno.

Figura 3: Imagens-território: duas das composições feitas pelos estudantes.



Fonte: Fotografias dos trabalhos tiradas pelas autoras (2022).

Uma educação por afetos: rascunhar modos de existir

Buscamos olhar para o que emerge desses exercícios de experimentação, na direção de questionar o que essas novas composições e encontros nos despertam a pensar, e não no sentido de realizar uma análise sobre o que foi produzido. Em meio a cores, texturas, cheiros e gestos, notamos que não foi simples para os estudantes deixar fluir a criatividade. Percebemos certo receio de alguns participantes em se lançarem a um risco quando se depararam com nossa proposta, especialmente no momento de se tentar especular sobre uma espécie de planta imaginada. Muitos pediram exemplos de plantas daninhas para que, a partir disso, pudessem criar suas espécies. Portanto, entendemos que houve certa dificuldade em se deixarem levar pela proposta na ausência de um direcionamento. Isso nos levou a pensar o que esses desvios, em uma aula de Biologia, representam para esses estudantes. Como é para eles esse movimento de artistar-se na escola? Esses questionamentos nos fazem pensar, também, em o que fazer para que espaços de experimentação artística, como este proposto pelas oficinas, estejam mais presentes na escola? Ou, ainda, será que esses espaços podem nos levar a experimentar outros modos de viver e nos relacionarmos com as outras espécies e formas de vida, sendo elas humanas ou não-humanas?

Diante dessas questões, acreditamos que, para pensar em uma educação ambiental que se abra para formas mais artísticas de ser e pensar, talvez seja necessário, também, olhar para a própria arte de outras maneiras. Nesse ponto, concordamos que a arte não deve ser reduzida a algo apenas representativo, pois ela é um exercício de criação; é a forma pela qual os sujeitos se relacionam com a intensidade daquilo que os afeta (ALMEIDA *et al.*, 2020). Justamente por isso, a potência da arte está nas sensações que experimentamos com ela e a forma com que percebemos esses afetos, não sendo necessária, propriamente, uma explicação sobre o que está sendo criado (ALMEIDA *et al.*, 2020). É claro que não temos a intenção de diminuir a importância das técnicas artísticas de pesquisa e preparação, as quais são fundamentais nos processos artísticos. Fazer arte requer atenção, pois não se experimenta sem estar atento (ALMEIDA *et al.*, 2020). Mas, para além dos significados, a atitude estética reúne um conjunto de percepções e ações diante do mundo e da vida. A arte surge da vida, das subjetividades e experiências. A arte é política e é o que traz à tona o imprevisível do mundo. Por isso, ela vai além do que os processos educativos mais tradicionais se propõem a ser. É por esse motivo que, aqui, através das oficinas, a preocupação também era a de experimentar uma arte-educação como uma experimentação de criar modos de vida e, portanto, focos de resistência (ALMEIDA *et al.*, 2020) para pensar em como estamos nos relacionando com as plantas e os demais seres com os quais coabitamos.

Assim como no presente trabalho, outras autoras, como Fischer e Loponte (2020), também apostam nos encontros entre arte e educação, oferecendo um convite a enxergar a escola através do que é possível de se inventar e criar, desviando seus olhares para o impossível de ser previsto e controlado (FISCHER; LOPONTE, 2020).

Quando falamos em invenção e criação, nos referimos a um conjunto de forças

capazes de modificar o pensamento, em um convite a pensar e agir de outros modos, algo que encontramos com alguma frequência na produção contemporânea em arte e que trazemos para pensar como força que habita também a escola, embora nem sempre seja percebida ou considerada (FISCHER; LOPONTE, 2020, p. 3).

Com isso, as autoras buscam apontar caminhos que nos levam à reflexão sobre modos menores⁵ de habitar a escola, tendo a arte e a educação “como companhias e como ferramentas de pensamento” (FISCHER; LOPONTE, 2020, p. 3). Elas falam em “modos menores” como “instantes de invenção, flashes de criação” (p. 4). Esses modos menores de olhar são acompanhados de uma proposta de se lançar foco sobre a potência do mínimo, “daquilo que é tido como insignificante, expresso em cenas de escola que ocorrem para além do previsto no cotidiano escolar” (p. 4) e que, portanto, quase sempre passam despercebidas (FISCHER; LOPONTE, 2020). Acreditamos que as próprias vivências que emergem das oficinas aqui experimentadas, ao se abrirem para a possibilidade de exercitar uma atenção diferente para os seres que crescem em interstícios, acabam, como sugerem Fischer e Loponte (2020), por “tornar visíveis as desimportâncias que convivem com as importâncias da escola de educação básica” (p. 5). Isso porque, em meio ao cotidiano escolar, em um dia de aula normal, os alunos foram convidados a desviar sua atenção para algo que não faz parte do que já está determinado. Ou seja, é uma atividade que segue na contramão das lógicas instrumentalizadas de ensino: “o menor tem a ver com as situações estranhas, que não estão prescritas” (FISCHER; LOPONTE, 2020, p. 11).

Situações essas que, como a experiência com plantas daninhas, enquadram-se como pequenos atos de resistência ao que já é tido como instituído para que seja possível trazer à tona um estranhamento em relação a tudo que é comum, cotidiano e ordinário (FISCHER; LOPONTE, 2020). Ao criar uma espécie de planta imaginada, por exemplo, inventam-se “relações impensadas com o mundo, percorrendo as linhas de fuga e mantendo-se no espaço entre: pensamento, invenção, intensidade dos encontros” (FISCHER; LOPONTE, 2020, p. 12). Uma planta que “cresce perto de livros guardados por muito tempo” ou uma erva daninha “difícil de morrer”, pois “após soltar o odor, consegue depois de 24 horas voltar à vida”⁶, como trazem as descrições dos estudantes, podem promover um escape, ainda que por pouco tempo, de uma “lógica dominante, que acredita na linearidade do pensamento, no plano perfeito, na resposta esperada para determinada pergunta” (FISCHER; LOPONTE, 2020, p. 6). Perguntas essas que têm sido constantemente feitas diante das catástrofes que atravessam nossos mundos, das injustiças ambientais, das mudanças climáticas e de tudo o que viemos enfrentando.

Dessa forma, vemos que pensar a escola a partir desse lugar desarranjado desloca nossas visões de mundo e os nossos sentidos (FISCHER; LOPONTE, 2020), bem como nossos modos de estar no planeta e pensar sobre ele. Por isso, “inventar escolas outras dentro da mesma escola”

⁵O conceito de menor usado pelas autoras vem da obra de Guattari e Deleuze, mas que se difunde pelo campo da educação, especialmente a partir do livro “Deleuze & a Educação” (GALLO, 2003).

⁶Essas passagens entre aspas são citações de textos elaborados pelos estudantes nas oficinas.

(FISCHER; LOPONTE, 2020, p. 12), utilizando-nos da arte como um meio potente, pode nos fazer questionar mais sobre o que se passa a nossa volta e criar conexões, fazer ventar outras ideias e outras maneiras de agir, já que “a arte não se limita a transferir dados, mas a gerar perguntas” (FISCHER; LOPONTE, 2020, p. 15). É importante deixar claro que, ao criar movimentos outros dentro das possibilidades de escola que já temos, como bem colocam Fischer e Loponte (2020),

Não temos pretensão alguma em propor a criação de uma outra escola, em um movimento utópico e inatingível. Nosso interesse está na produção diária e inventiva que a acompanha incessantemente e que ocorre nas fissuras e nos escapes, naquilo que faz a escola gaguejar, pela criação de espaços outros, menores, por dentro das maioridades que a constitui, expressos na potência das cenas-imagens que nela habitam (p. 17).

Nesse sentido, é pelas linhas do encontro entre a arte e a educação que se desenham outros mundos possíveis para o aprender. Aprender, sobretudo, a se relacionar com os demais seres de outras maneiras, fugindo de certezas e caminhos rígidos que, muitas vezes, fazem-se presentes no modo como a educação ambiental é vista como a salvação para todos os problemas que enfrentamos. Como escreve Krenak (2016),

Se outros mundos são possíveis, então precisamos continuar a perguntar sobre qual é a possibilidade de aliança entre esses mundos, porque, se não, eles serão sempre mundos divorciados. Precisamos pensar na possibilidade de mundos que sejam intercambiáveis, que possam se alternar em diferentes espaços e lugares, se não as fronteiras vão continuar sendo a marca mais brutal, mais anti-humana. Precisamos vazar essas fronteiras, feito uma peneira, para podermos transitar entre esses mundos (KRENAK, 2016, p. 179).

Assim, pensamos que transitar entre os mundos da arte, da educação e das plantas seja uma forma de abrir caminhos para que naveguemos por muitos outros, alcançando novos olhares e ativando novas lentes para e com o ambiente (ESTEVINHO, 2020; BORJA, 2017).

Encontros multiespécies para adiar o fim do mundo

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhadas pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humano zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E minha provocação é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim do mundo (KRENAK, 2019, p. 26-27).

Mais uma vez, o pensamento de Krenak (2019) nos mobiliza a refletir sobre o que surge dos

encontros que propusemos neste trabalho. Dessa forma, consideramos as artes multiespécies que germinam aqui como maneiras de contar novas histórias sobre a vida e, assim como sugere Krenak (2019), adiar o fim do mundo. Tendo as imagens como territórios de criação coletiva, convocando indivíduos, folhas, flores, sementes e cores, outros mundos podem ser vislumbrados através dessas novas histórias. Ao criar e compor em conjunto com as plantas espontâneas na escola, pode ser possível permitir uma educação ambiental que suscite a proliferação de mundos outros, como exercícios de criação para uma vida multiespécie. Através das imagens das plantas urbanas espontâneas, “experimentamos diferentes entradas, borramos as fronteiras que foram construídas para separar e hierarquizar espécies humanas de não humanas e conjugamos cientistas e artistas para adiarmos o fim do mundo” (FONSECA; AMORIM, 2021, p. 28). Do nosso ponto de vista, essa maneira de experimentar se conecta ao que uma participante da oficina trouxe ao dizer que “essa foi uma arte feita por nós e pelas plantas”. Além disso, ao criar um espaço de especulação junto a esses seres, permitimos que plantas daninhas gerem outras potências de criação, não sendo mais apenas seres vegetais habitando os muros da cidade ou da escola. Elas podem se transformar em territórios de reflexões férteis sobre a vida na adversidade.

Alguns alunos, ao criarem suas espécies, chamaram atenção, por exemplo, para o odor que a planta exala, o que a conferiria resistência. Nesse sentido, a percepção de odores pode nos fazer descobrir os ambientes de novas formas e resgatar memórias. Perceber o mundo a partir de outros sentidos, que não somente a visão, também pode trazer significados diferentes para as situações que vivemos no cotidiano. Ao experimentar com plantas, é possível trabalhar o tato, perceber texturas, aguçar o olfato, entender o paladar, trabalhar a audição. Viver em um estado de presença e atenção no/para o mundo de diferentes maneiras, sendo todas possíveis de despertarem conexões, assim como as plantas fazem. Portanto, práticas que nos estimulem a perceber o ambiente a nossa volta de outras maneiras podem ser fios interessantes a se puxar para tecer vivências na escola, aproveitando o espaço escolar e compondo com ele. Um olhar mais atento para o entorno pode levar a um entendimento maior sobre a vida, sobre as relações, sobre as maneiras de se estar no mundo e atuar sobre ele, tomar decisões...

É importante comentar, também, a respeito do título escolhido pelos estudantes para exibir suas produções nos murais da escola: “lugar de resistência”. A partir disso, vemos, também, que compor com as ervas daninhas nos convida a pensar que existem mundos sendo destruídos há tempos, vidas desprezadas, pessoas que permanecem às margens da sociedade e que, como essas plantas, continuam lutando para sobreviver e não serem “pisadas, arrancadas ou enterradas” (BRITOS, 2021, p. 3). Pensar em vidas que germinam nas brechas pode nos instigar a firmar raízes onde não somos bem vindos, tornarmo-nos sementes apesar da adversidade, (re)brotando e nunca nos rendendo à opressão que insiste em tentar apagar multiplicidades, fazendo morrer a diversidade da vida. Ensaíar outros mundos com as plantas espontâneas pode nos mostrar que, na cidade ou em qualquer outro lugar, a vida vegetal – e qualquer outra – é importante (BRITOS, 2021).

Assim, pensando sobre o que os alunos expressaram através de suas espécies criadas e aquilo que emergiu a partir dessas vivências, acreditamos que permitir que a escola seja um espaço onde os alunos também possam contar suas histórias das mais variadas formas pode ser um

movimento muito potente para a formação desses sujeitos como cidadãos. Seja tanto em aulas de biologia, ciências, química, matemática quanto de português, contar histórias é uma maneira de aproximar, de gerar afeto, de despertar um interesse (CHAVES, 2020). Aqui, referimo-nos a “contar histórias” como criar qualquer narrativa sobre algo com a qual se experimenta. Antes de se abrir a um conhecimento, é preciso que se sinta afetado por ele de alguma forma (CHAVES, 2020). Dessa maneira, acreditamos que um dos caminhos para o despertar desses interesses seja proliferar espaços onde se consiga experimentar, como os que se propõem nas oficinas deste trabalho.

Precisamos, portanto, de pedagogias que nos levem a “animar pontes, habitar ruínas e rasgar muros, alargando as frestas do pavimento e do sistema”, como propõe o ciclo de estudos sobre a vida “Selvagem Ciclo de Estudos”, liderado por Ailton Krenak. Afinal, nas palavras de uma planta daninha,

As suas ruínas são nossos jardins. É assim que as ruas e calçadas urbanas se transformam em mosaicos de pequenas florestas, impregnadas das histórias simbióticas do concreto. Nós tecemos a malha de fios vitais, configuramos esse lugar onde vários acontecimentos e várias vidas se entrelaçam, porque extravasamos as superfícies que se formam ao nosso redor (BRITOS, 2021, p. 5).

Acreditamos que, em tempos de colapso ecológico, é preciso reativar os sentidos por linhas não capitais, na tentativa de virar chaves em nossas visões de mundo. Pensamos, portanto, que exercícios de experimentação e composição com outros seres, como foi proposto pelas oficinas, podem despertar outras potências de agir, caminhando por entre pedagogias inventivas e ecologias inventivas, no intuito de quebrar linhas segmentares e liberar diferenças (FONSECA; AMORIM, 2021, p. 28). O que pode surgir ao deixarmos que as salas de aula sejam povoadas por gestos e afetos que ampliam nossas relações com o mundo, alargando nossas conexões e emancipando nossas possibilidades de pensar?

Semeando histórias para outros amanhã

Para ensaiar educações ambientais diferentes daquelas com as quais nos acostumamos, que insistem em nos fazer reproduzir comportamentos com a promessa de um futuro melhor (e cada vez mais distante), consideramos que seja importante criar outras experiências com as demais espécies, como buscamos fazer ao longo desse trabalho.

Por isso, esse estudo pode trazer inspirações para se pensar uma educação ambiental na escola que nos permita refletir sobre *o que e como* podemos aprender através das nossas relações com as outras espécies e as simbioses que estabelecemos. Nessa direção, é possível instigar a desconstrução da figura que chamamos de “natureza” como um objeto, como algo útil, e passar a considerar todos os seres como sujeitos ativos na produção do conhecimento. É preciso entender que a crise ambiental “permeia nossas relações com as espécies humanas e não humanas, bem como nossas produções de formas de estar no mundo, nossas sociabilidades” (FONSECA; AMORIM, 2021, p. 16). Essa ruptura pode abrir

novas possibilidades de leitura do mundo a partir de alianças não só com outros seres humanos, mas também com animais, plantas, fungos, microrganismos ou fenômenos climáticos, o que, segundo Sússekind (2018), é o desafio da experiência da vida multiespécie.

Por fim, acreditamos que as vivências discutidas neste trabalho falam de narrativas que surgiram desses encontros entre sujeitos e plantas, evocando modos outros de pensar a educação. Como nos inspira Preve (2022), “esse modo tem como questão central a observação dos funcionamentos presentes em um outro modo, o modo de ser das plantas, bem como a percepção do quanto podemos compor com elas uma espécie de parceria para o pensamento” (p. 4). Pensamento este que, nesta pesquisa, se deu pelos interstícios de onde brotaram novas perguntas e potentes questionamentos sobre os atravessamentos entre arte e educação ambiental. Criamos mundos outros por meio das oficinas que nos fizeram vislumbrar uma educação pelas brechas, que cria fissuras e atravessa muros. Quem sabe, assim, seja possível semear outros mundos e contar novas histórias para resistir ao tempo presente?

Referências

- ALMEIDA, Célia Maria de Castro. Cultura e formação de professores: a cultura na formação de professores. In: MENDONÇA, Rosa Helena *et al.* (Orgs). **Formação cultural de professores. Salto para o futuro**, 2010. p. 14-21.
- ALMEIDA, Lysia da Silva; ALVIM, Davis Moreira; MAÇÃO, Izabel Rizzi. Oficinas artísticas na periferia: práticas educativas para aprender e afetar o corpo coletivo. In: CARVALHO, Janete Magalhães; SILVA, Sandra Kretli; DELBONI, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera. (Orgs.) **Currículo e estética da arte de educar**, Vitória: Editora CRV, 2020. p. 365-386.
- BORJA, Beatriz França; AMARAL, Marise Basso. “Lotes vagos”: ensaios sobre arte e botânica. 4º **Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação**, Canoas, 2017.
- BRITOS, Anai G. Vera. Manifesto de uma erva daninha. In: BRITOS, Anai G. Vera; CHIZZOLINI, Bianca Barbosa; PITOMBO, Rafaela Coelho de Moraes. **Verdejar ante a ruína, escritos para cultivar novos mundos**, São Paulo: Creative Commons, 2021. p. 16-26.
- CHAVES, Silvia Nogueira. Um chão sem fronteiras: ciência e arte na sala de aula. In: FERREIRA, Marcia Serra *et al.* (Orgs). **Vidas que ensinam o ensino da vida**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020. p. 99-105.
- ESTEVINHO, Lúcia de Fátima Dinelli. Quando “as coisas” ganham vida: ensinando biologia pela arte. Vidas que ensinam o ensino da vida. In: FERREIRA, Marcia Serra *et al.* (Orgs). **Vidas que ensinam o ensino da vida**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020. p. 149-162.
- FISCHER, Deborah Vier; LOPONTE, Luciana Gruppelli. Modos de habitar a escola: o que somos capazes de inventar? **Revista do Centro de Educação UFSM**. Santa Maria, v. 45. 2020.
- FONSECA, Fabíola; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues. Residências artísticas e currículo-experimentação: como podem nos ajudar a adiar o fim do mundo? **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v. 26, n. 58, p. 11-31, 2021.
- GALLO, Silvio. **Deleuze & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- GUIMARÃES, Leandro Belinaso. A invenção de dispositivos pedagógicos sobre o ambiente. **Pesquisa**

em **Educação Ambiental** (UFSCar), v. 5, p. 11-26, 2010.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das letras. 1ª edição, São Paulo. 2019.

KRENAK, Ailton. As alianças afetivas. Entrevista concedida a Pedro Cesarino. In: RJEILLE, Isabella, VOLZ, Jochen. (Orgs.) **32ª Bienal de São Paulo: Incerteza Viva: Dias de Estudo**. Pesquisas para a 32ª Bienal em Santiago, Chile; Acra, Gana; Lamas, Peru; Cuiabá e São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo. p. 169-184, 2016.

OLIVEIRA, Joana Cabral; AMOROSO, Marta; LIMA, Ana Gabriela Morim; SHIRATORI, Karen; MARRAS, Stelio, EMPERAIRE, Laure (Orgs.). **Vozes vegetais – diversidade, resistências e histórias da floresta**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

PEREIRA, Thais Fernandes. Estudos Multiespécies: uma breve análise da teoria e de suas aplicações. **Revista Ensaios**, v. 13, São Paulo, 2018.

PREVE, Ana Maria Hoepers. Geografias, Imagens e Educação: Experiências. **Entre-Lugar**, Dourado, MS, p. 49-66, ano 4, n. 7, 2013.

PREVE, Ana Maria Hoepers. Pequenas composições com plantas, cacos e ideias para pensar o que (não) acontece. **Revista ClimaCom**, ano 9, n. 23, 2022.

SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini. Como criar uma paisagem em ruínas? Deslocamentos, desconstruções e a insistência de pensar a Educação Ambiental no Antropoceno. **Quaestio**, Sorocaba, SP, v. 21, n. 1, p. 19-38, 2019.

SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini.; MARTINS, Daniel Ganzarolli. Corpos-ecos-ecologias pelas ruas da cidade. **Espacios Transnacionales**, p. 40-50, 2020.

SÜSSEKIND, Felipe. Sobre a vida multiespécie. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 69, p. 159-178, 2018.

VAN DOOREN, Thom; KIRKSEY, Eben; MÜNSTER, Ursula. Estudos multiespécies: cultivando artes de atenção. Trad. Susana Oliveira Dias. **Revista ClimaCom**. ano 3, n. 7, p. 39-66, 2016. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/estudos-multiespecies-cultivando-artes-de-atencao/>.

WUNDER, Alik. O mundo das plantas Kariri-xocó: criações poéticas e fotográficas com o grupo Sabuká. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande. Dossiê Temático Imagens: resistências e criações cotidianas. p. 28-42, 2020.

Mayra Velloso Correa

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Possui bacharelado e licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Integrante do grupo de pesquisa Entre-mundos: ecologias, pedagogias, culturas. E-mail: mayravelloso@id.uff.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4866-675X>.



Shaula Maíra Vicentini de Sampaio

Professora associada I da Universidade Federal Fluminense (UFF), atuando no curso de licenciatura em Ciências Biológicas e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Pesquisa na área de Educação, com ênfase em Estudos Culturais em Educação, Educação Ambiental, Formação de Professores e Educação em Ciências e Biologia. Coordenadora do grupo de pesquisa Entre-mundos: ecologias, pedagogias, culturas. E-mail: shaula.maira@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8898-3659>.

Recebido em: 07/10/2023

Aprovado em: 22/10/2023

Publicado em: 27/10/2023